

3

Evocando tempos e espaços geo-histórico-culturais

A consciência ecológica levanta-nos um problema de uma profundidade e de uma vastidão extraordinárias. Temos de defrontar ao mesmo tempo o problema da Vida no planeta Terra, o problema da sociedade moderna e o problema do destino do Homem. Isto nos obriga a repor em questão a própria orientação da civilização ocidental. Na aurora do terceiro milênio, é preciso compreender que revolucionar, desenvolver, inventar, sobreviver, viver, morrer, anda tudo inseparavelmente ligado. (Morin, in Lago e Pádua, 1994, p. 6)

A metodologia desta pesquisa está voltada para a práxis, como intervenção do homem na realidade. Neste sentido busca interfacear documentos geo-históricos tais como atas, cartografias, fotografias, publicações, relatos e testemunhos dos sujeitos que vivenciaram as intervenções sócio-ambientais no rio Pirai.

Portanto o compromisso metodológico evoca o questionamento central, ou seja, rio Pirai: corpo-objeto ou corpo-sujeito? Mudanças ambientais e transformações socio-culturais, como interagem na corporeidade de Pirai?

Como princípio metodológico busca-se compreender a realidade em suas múltiplas determinações e conceitos interpretativos, para então interferir e modificar. Não significa um estudo de tudo de uma só vez, isto implica em dizer que o todo só pode ser compreendido e ganha sentido em relação com o singular, e, é mais que a soma das partes, num movimento de mútua constituição.

Considerando a natureza complexa da realidade, e particularmente da realidade sócio-ambiental, a utilização da pesquisa como práxis no devir de seus sujeitos sociais visa contribuir para uma abordagem coerente comprometida com o ético e político-social, orientada para a dimensão da complexidade, a partir do diálogo entre os diversos saberes, as diferentes ciências e outras formas de conhecimento.

Tendo em vista ainda o comprometimento na desconstrução/construção da realidade em profundidade (mergulho) não são suficientes os conhecimentos *ex situ*, típicos da ciência de laboratório, que trabalha basicamente com a lógica dedutiva experimental. “Torna-se prioritária a praxiologia, como processo estratégico de refletir fazendo, típico das culturas do trabalho e da arte, na linha daquela arte de construir sabiamente e de inovar sem depredar” (Leff, 2003).

É importante assinalar que a pesquisadora, nascida em Pirai é atualmente, moradora tanto do município do Rio de Janeiro como também de Pirai, portanto em práxis com a corporeidade do rio Pirai. Esta metodologia busca a coleta de testemunhos e relatos de vida de pessoas que vivenciaram as duas grandes intervenções socioambientais efetuadas pela *Light* na biorregião já mencionadas anteriormente, assim como fontes primárias: documentos, atas, livros, fotografias dentre outros.

3.1 Globalização em pós-modernidade

Não perdendo de vista ações pró-ativas de cidadania pretende-se ao mesmo tempo comprometer-se com uma globalização inserida numa pós-modernidade de resistência no enfrentamento de uma outra pós-modernidade virtualmente globalizada, ora de forma “mística” ora de forma “tecnomercadológica”

Nesta perspectiva, Boaventura de Souza Santos (1997) anuncia a crise da modernidade de sua respectiva epistemologia do conhecimento-regulatório, distante do cotidiano e do senso-comum.

A ciência moderna construiu-se contra o senso-comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso-comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo (Santos, 1997, p. 88-89).

Ainda segundo o autor, é preciso reinventar as mini-racionalidades no contexto de uma epistemologia do conhecimento-emancipação. Por mini-racionalidades reinventadas, entende ir além de simples partes do todo, passando a ser totalidades presentes em múltiplas partes. "Assim contribuiríamos também para a reinvenção da democracia social" (Santos, 1997).

A herança da cultura da fragmentação destrutiva foi-nos legada pela modernidade sob a sombra de uma cega irracionalidade global. As mini-racionalidades pós-modernas (racionalidades locais), não devem ser mínimas nem máximas, mas tão somente adequadas às necessidades locais democraticamente formuladas pelas próprias comunidades. Quanto mais global for o problema, mais locais e mais multiplamente locais devem ser as soluções.

Em diálogo com as contribuições de Santos , retomamos as de Guiddens:

Na modernidade as práticas não bastam ser convividas, elas são reflexivas, são vividas, examinadas e reformadas a luz das inspirações recebidas {...} a medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, **ondas de transformação social** atingem virtualmente toda a superfície da terra e a natureza das instituições modernas (Guiddens, 1990, p. 37-38; p. 6).

Junto à crise epistemológica da modernidade evidencia-se nos fins do século XX a degradação ambiental em larga escala apesar do seu início remontar á história da humanidade. Podemos como recorte histórico, retomar a Revolução Industrial do século XVIII quando a produção em série e em grande escala foi acompanhada de soluções científico-tecnológica produzindo também em série e em enormes proporções uma degradação ambiental jamais presenciada.

Focando o corpo d'água do Rio Pirai em interface com o corpo sócio-cultural que o gesta, observa-se em seu *curso, percurso e transcurso* os determinismos da globalização econômica, nas características de sua gradual depredação: assoreamento, desvio e reversão de seu curso, destruição da mata ciliar, extração de areia, lançamento de esgoto *in natura*, apodrecimento das lâminas de mangues, despejos industriais e residenciais, além da contaminação da água pelo uso de agrotóxicos e produtos veterinários , acarretando de modo gritante a perda da biodiversidade, a impropriação do uso da água , a proliferação de plantas tóxicas macrófitas flutuantes e a diminuição do nível da calha do rio.

Constar as condições objetivas de degradação do rio Pirai nos remete necessariamente á construção de novas formas do exercício de cidadania para um novo paradigma de produção sustentável, sob pena de assistirmos passivamente a morte de Gaia (apud Santos, 1990) e conseqüentemente a morte do rio Pirai.

"A terra não é somente um tempo(...) é a memória das trocas, sinais de reciprocidade, Os rios devem ser tratados com a mesma doçura que se trata um irmão" (Brandão, 1994).

No contexto brasileiro, urge a quebra do ciclo vicioso “produção-degradação-consumo”. Então, é fundamental o investimento do Estado nos “direitos sociais”, previstos pela Constituição de 1988: a saúde, educação, moradia, trabalho, dentre outros (Cap II Art 6º).

Nesta perspectiva a educação, como movimento de intervenção no mundo, deve priorizar a saúde planetária na formação dos cidadãos, como opção ética,

política e epistemológica emancipatória, contribuindo de fato para o combate ao tempo virtual, ao individualismo e o consumo do capital humano sobrepondo ao tempo histórico, a alteridade e a existência ontológica.

3.2 Piraí em cartografias: a cidade e o rio

Piraí é uma cidade do Vale do Paraíba do Sul, fundada em 1770, com 387m de altitude, uma área de 505.466 Km², aproximadamente 22.118 hab., sendo 18.070 moradores da área urbana e 4.048 moradores da área rural, uma densidade demográfica de 43 hab/km², com o Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI) de 0,866 (dados do IBGE).

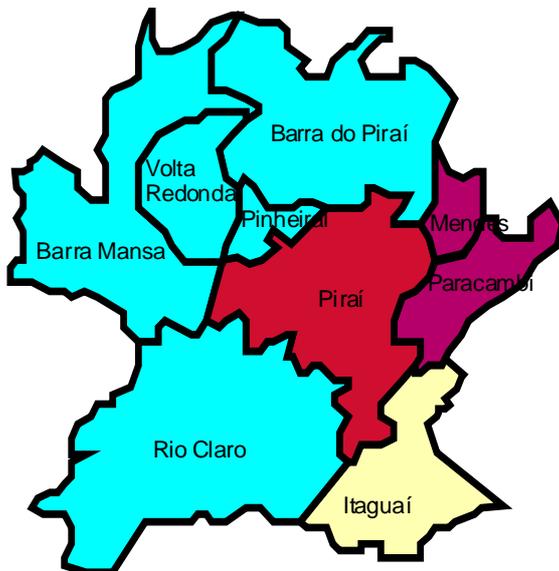


Figura 8 – Localização do município de Piraí

Municípios Limítrofes:

- Barra do Piraí e Pinheiral *a Norte*
- Rio Claro e Itaguaí *a Sul*
- Mendes, Paracambi e Itaguaí *a Leste*
- Barra Mansa, Volta Redonda e Pinheiral *a Oeste*

DISTRITOS	1991	2000
Piraí – distrito sede	327	327
Arrozal	84	67,6
Vila Monumento	78	78
Santanésia	32	32
Total	521	504,6

Divisão administrativa e área. Variação da ÁREA (km²). Fontes: IBGE/CDDI/DG/DETRE

Em 1996, segundo os dados do CIDE e do próprio IBGE, a área do Município de Pirai era de 506,1 km² sujeita a revisão e a área do novo município de Pinheiral (antigo distrito de Pirai), é de 77,6km², também sujeita a revisão. Nesta revisão , Pinheiral ficou com 77,8 km² e Pirai com 504,6. A diferença em relação a 1991 se deve aos Bairros de Roma I e Roma II que foram considerados de como área de Volta Redonda. Segundo o Relatório de Gestão Territorial da CSN a área de Pirai é de 504,78.



Figura 9 – Localização do município no Estado

Existe um questionamento quanto aos limites territoriais entre Pirai e Volta Redonda, tendo em vista que a última informação sobre as áreas dos municípios, fornecida pelo IBGE em 1991, registrou uma área menor para Pirai. Sendo de difícil acesso as nascentes que servem como referencial para que se trace a linha reta constante na descrição dos limites, torna-se necessário a utilização de outros instrumentos para se obter precisão. Esta linha reta imaginária, que liga as duas nascentes, passa exatamente em cima de uma antiga estrada que ligava Arrozal em direção a Roma I e Roma II, e saía na rodovia Presidente Dutra. Atualmente esta estrada tem pouco uso, mas o cruzamento dela com a rodovia Presidente Dutra, provavelmente, determina o ponto onde se encontra o limite (www.pirai.rj.gov.com).

Existem vários critérios para a demarcação de regiões. A escolha destes critérios varia de acordo com a perspectiva do autor que planeja e com

a escala espacial da regionalização. Dentre outros critérios, podem ser identificados relações funcionais ou de interdependência no interior do território e homogeneidade.

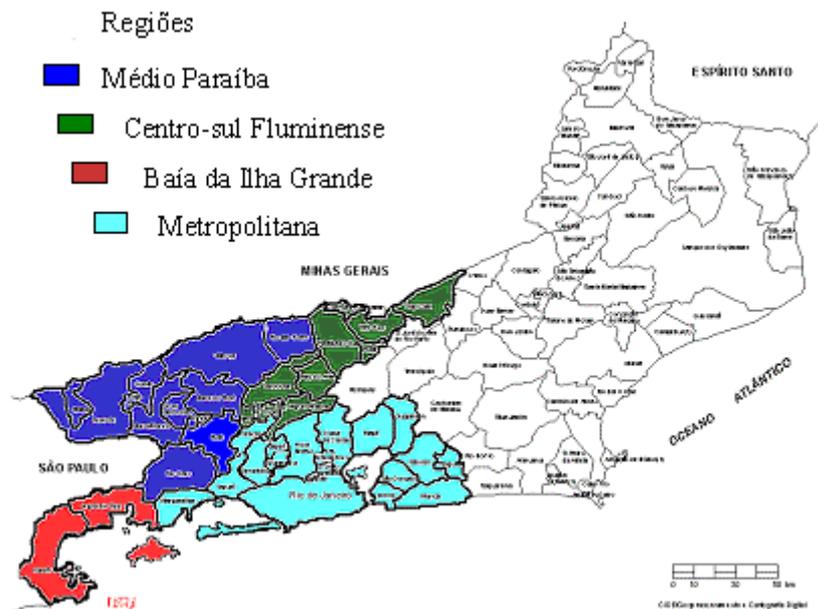


Figura 10 – Pirai e seu entorno regional

Para escrever sobre as cartografias do rio Pirai parece ser bastante enriquecedor trazer a baila categorias conceituais tais como: território, territorialidade (Santos, 2002), desterritorialização e reterritorialização (Deleuze-Guattari, 1995).

Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra *territorialidade* como sinônimo de *pertencer àquilo que nos pertence*. Esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana[...] Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem (Santos, 2002).

Deleuze e Guattari (1992) utilizam o conceito de território nos processos de desterritorialização e reterritorialização como importantes ferramentas para o entendimento não apenas das questões filosóficas, mas também das práticas sociais na construção de um efetivo projeto político de libertação dos desejos, dos corpos, da arte, da criação e da produção de subjetividade. A filosofia utilizada por eles é denominada “teoria das multiplicidades”, onde elas são a própria realidade, superando assim as dicotomias entre consciente e inconsciente, natureza

e história, corpo e alma. Seu modelo de realização não é hierárquico como uma árvore-raiz, mas a pluralidade do rizoma .

É uma proposta de construção do pensamento onde os conceitos não estão hierarquizados e não partem de um ponto central, de um centro de poder ou de referência aos quais os outros conceitos devem se remeter. Funciona através de *encontros e agenciamentos*, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades. O rizoma é a cartografia, o mapa das multiplicidades, semelhante a uma bacia hidrográfica.

Apesar de criticar a árvore-raiz, os autores afirmam que existe uma relação entre os dois, que um transpassa (transcurso) o outro, um visita o outro, modificando mutuamente a sua natureza. Isso significa dizer que, mesmo no rizoma, podem existir segmentos que vão endurecer e tornar-se árvore, ao mesmo tempo em que na árvore pode se dar à constituição de um rizoma. Afirmam, por exemplo, que “as sociedades primitivas” têm núcleos de dureza, de arborização, que tanto antecipam o Estado quanto o conjuram. "Inversamente, nossas sociedades continuam banhando num tecido flexível sem o qual os segmentos duros não vingariam" (Deleuze-Guattari, 1996 apud Haesbaert & Bruce). Segundo estes autores, "as sociedades primitivas remetem-se ao rizoma, no entanto, podemos perceber que elas próprias têm arborescências dentro de si, ao passo que as sociedades capitalistas, identificadas mais com a arborescência, necessitam do rizoma (tecido flexível) para existirem".

A desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga e a reterritorialização é o movimento de construção do território” (Deleuze-Guattari, 2004 p. 16-17). Afirmam que os dois movimentos são indissociáveis. No primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos e corpos e coletivos de enunciação. ⁽²⁾

⁽²⁾ Os maquínicos de corpos dizem respeito a um estado de mistura e relações entre os corpos em uma sociedade, sem separá-los do corpo da Natureza, portanto trata-se de um só corpo de multiplicidade.

O rio Pirai tem grande importância para o Estado do Rio, mas é de singular importância para a população do município de Pirai, já que a cidade nasceu às suas margens e recebeu este nome em função do próprio rio. “Pira y” significa em Tupi-Guarani “rio dos peixes”.

Em seu curso, o rio Pirai nasce em Lídice (município de Rio Claro) existindo uma dúvida quanto aos rios e córregos que o formam e estão a sua montante: os mapas pesquisados apontam que o rio recebe o nome de **Pirai** a partir do encontro do rio **Papudos** com o rio **Alto da Serra**, enquanto diversos relatos afirmam que o rio passa a ter o nome de **Pirai** a partir do encontro de três rios: o **Papudos**, o **Alto da Serra** e o rio das **Pedras** (formado pelos córregos **Grande** e do **Morro**), exatamente na Fazenda São Sebastião, no distrito de Lídice (município de Rio Claro- RJ).



Figura 12 – Formação do Rio Pirai - Fonte: IBGE Escala: 1:50.000



Figura 13 – **Início do rio Piraí**: rio Alto da Serra com o rio das Pedras

O rio Piraí é afluente da margem direita do Rio Paraíba do Sul, tendo a Serra do Mar como divisor de águas. A Bacia do Paraíba do Sul é uma das áreas mais industrializadas abrangendo inúmeros municípios que dependem essencialmente dos recursos hídricos disponíveis com as devidas regularizações impostas pelos reservatórios das usinas hidrelétricas existentes. Faz parte do Sistema-Light (anexo 1), sendo ainda responsável por 96% do abastecimento de água do Sistema-Guandu, e conseqüentemente faz parte também dos rios que integram o Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG). Sem as águas oriundas do rio Piraí e do ribeirão das Lajes, praticamente não existiria o rio Guandu, como o grande fornecedor de águas para a cidade do Rio de Janeiro (anexo 2).

Em seu *curso* atravessa três municípios do Estado do Rio de Janeiro: Rio Claro (nos distritos de Lídice e Passa Três), Piraí (no distrito de Santanésia) e Barra do Piraí, num total de 1231 Km com trechos encachoeirados e não navegáveis, trechos largos e facilmente navegáveis, mas interrompidos pelas barragens e elevatórias. Em seu curso e *per(curso)* recebe águas de vários afluentes, subafluentes, córregos e ribeirões, dentre eles: rio Parado, ribeirão Passa Quatro, rio do Braço, ribeirão Passa Três, rio Arataca, rio Ponte de Cimento,

córrego São Félix e rio Sacra Família (Mendes) seu maior afluente

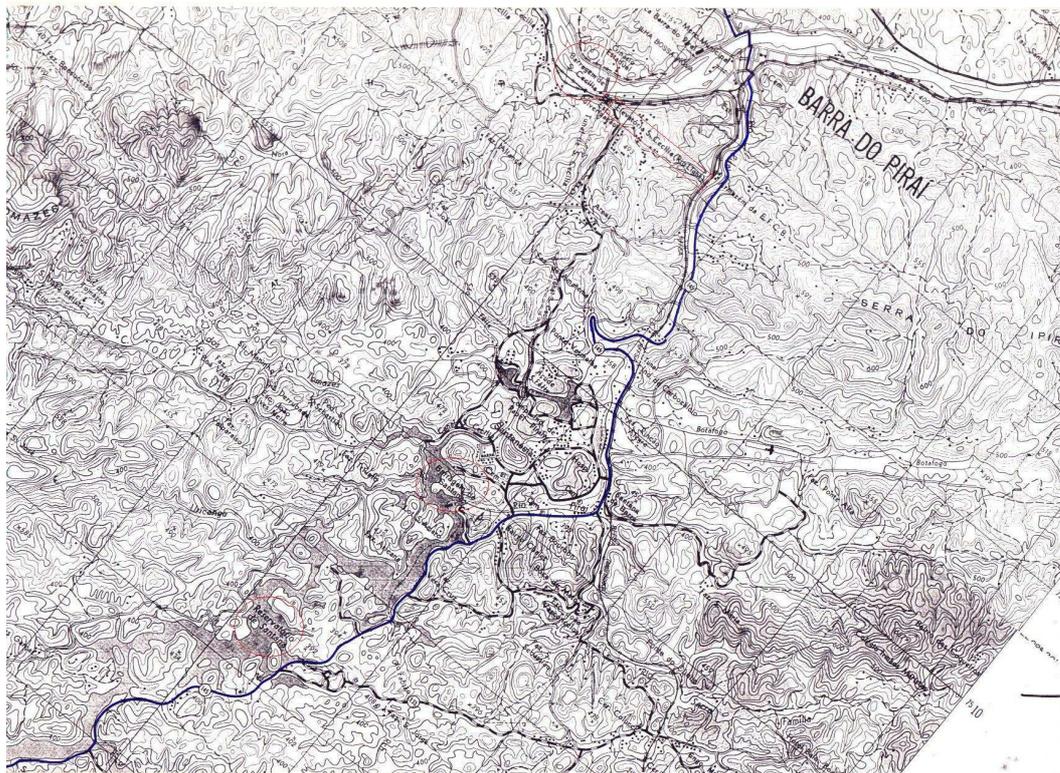


Figura 14 ,– Foz do rio Pirai - Fonte: IBGE Escala: 1:50.000

O *curso* do rio Pirai sofreu por duas vezes alterações significativas no seu *percurso*, consistindo em profundas mudanças ambientais (*profanações ambientais*): uma no início do século XX (1913) onde suas águas foram desviadas -12mil l/s média, (anexo 3) na barragem de Tocos, entre o distrito de Lídice e o município de Rio Claro, para alimentar a represa de Ribeirão das Lajes e a outra foi em 1948/49 para a transposição de parte das águas do Rio Paraíba do Sul, na cidade de Barra do Pirai, alterando assim a jusante (foz) do rio Pirai. O rio teve seu curso e percurso invertido. Foram construídas as usinas de Santa Cecília (Barra do Pirai) e do Vigário (Pirai) que bombeiam as águas a uma altura de 50m e conduzem por dois reservatórios: de Santana no distrito de Santanésia (Pirai) e do Vigário no município de Pirai.

Outrora, há muitos anos, quando o rio era navegável, quando os “engenheiros” não tinham ainda desviado o seu curso em Itaverá ⁽³⁾, quando o município produzia café e centenas de milhares de cabeças de gado pastavam nas várzeas, Pirai era um lugar próspero e feliz. Tinha (estrada de ferro e os barcos cortavam

⁽³⁾ Atual município de Rio Claro

as águas do rio, com porões abarrotados de mercadorias. O povo só bebia champanha e vinhos em taça de cristal. E suas moças trajavam-se como moças da corte.[...] Hoje e de madrugada, vi uma pequena multidão de mulheres entrando na Igreja. (Iam pedir a Deus para que os engenheiros poupassem a cidade de que era orgulho do Império) (Morel, 1946 - anexo 4).

3.3 Testemunhos e relatos em histórias de vida

No tocante a chegada da Light e as primeiras intervenções praticadas no rio Pirai-Ribeirão das Lages encontramos alguns documentos oficiais, fotografias e relatos em publicações de livros e jornais, dentre eles:

- em 1900 : concessão a William Reid & Cia (anexo 5).
- em 1904: concessão a Alexandre Mackenzie
- em 1905: concessão a Light and Power Co.do Rio de Janeiro (anexo 6)
- em 1908: inauguração da Usina de Fontes
- em 1912: início das obras do túnel para desvio das águas do rio Pirai /Tocos (anexo 7)

Obs: Neste período quem estava à frente do município era o presidente da Câmara Municipal de Pirai, Dr. Ildefonso Brant Bulhões de Carvalho. As eleições para prefeito só aconteceram em 1922.

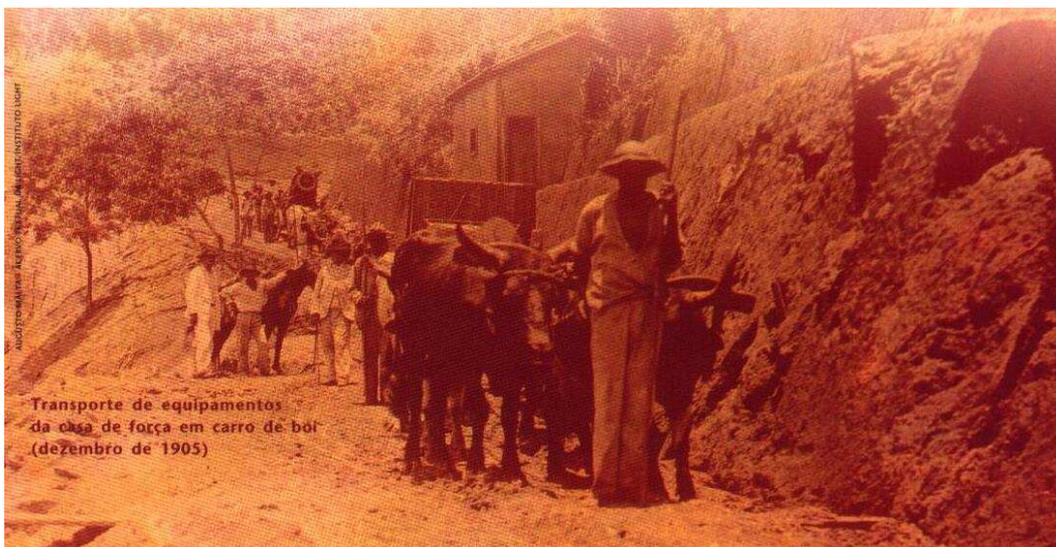


Figura 15 - Uso de carro de boi na construção da Usina de Fontes Velha

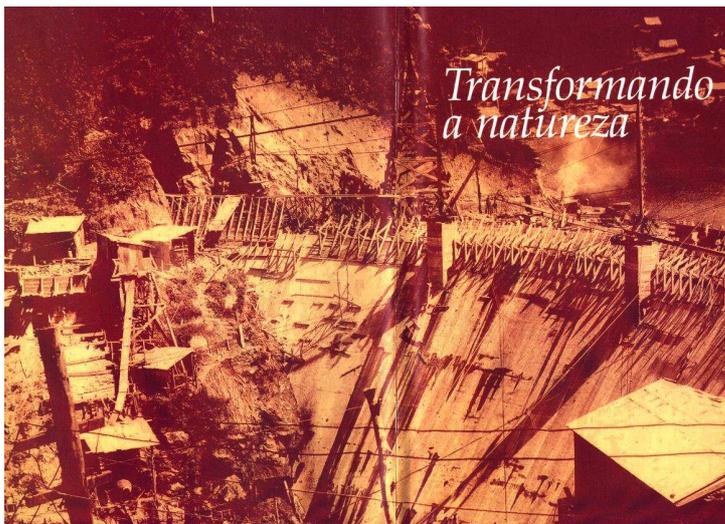
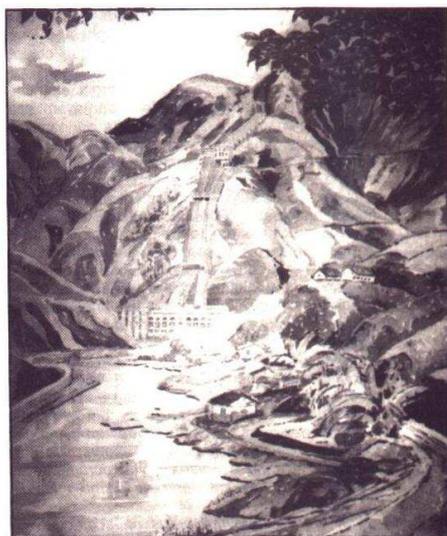


Figura 16 – Construção da Barragem de Salto do Ribeirão das Lajes em 1908

Existia em Pirai uma cachoeira denominada Salto do Ribeirão das Lages. O comendador Matozinho a chamava de “uma das sete maravilhas do mundo”. Essa cachoeira foi sacrificada para a construção da Usina de Força para iluminar Pirai, para iluminar a capital do Estado: São Sebastião do Rio de Janeiro (ibid., 2000, p. 362).



Usina Velha em Fontes. Dá para se ter uma idéia da altura onde outrora caía a cachoeira “do dito Comendador Matozinho”.

Figura 17 – Altura da Usina Velha de Fontes

Encontramos relatos do Pe. Breves (1994) a respeito da indignação do Capitão Antonio da Silva Matosinho quando vinha a cavalo de Fontes, lamentava dizendo: “uma das 7 maravilhas que Pirai tem orgulho de possuir, vai acabar!” Segundo ele era belíssima a Cachoeira de Fontes onde ele costumava fazer longas caminhadas, iria acabar” (Breves,1994 p.105). Para que tal evento fosse marcado organizou um almoço *sui generis*, oferecido aos amigos em sua bela fazenda.

Outro relato feito pelo Pe Breves (ibid., p.146) referente a este momento de intervenção é encontrado no álbum comemorativo do Centenário da Independência do Brasil em 1922, assim se expressando:

O despovoamento da zona rural, motivados em grande parte pelos trabalhos da Light and Power Co. do Rio de Janeiro, em consequência dos quais houve terríveis surtos de malária, que não só vitimaram centenas de habitantes como determinaram êxodos freqüentes, contribuir para a decadência agrícola do município, produtor outrora, em larga escala de café e cereais.

Destacamos também parte da reportagem do jornalista Frank Tavares (2004) intitulada *A história esquecida, mas que deve ser lembrada* relata os acontecimentos que envolveram a chegada da *Light* na região sul fluminense:

Em 1905, a Light inicia a obra da primeira usina hidroelétrica provisória do Rio de Janeiro, construída em plena Mata Atlântica Fluminense, de difícil acesso, utilizando as águas do Ribeirão das Lages. Parte a energia gerada foi utilizada para a construção da Usina de Fontes Velha, inaugurada em 1908, atualmente desativada. Já em franca expansão e devastação, a Light começou a intervir diretamente no Vale do Rio Piraí. Em 1913, o Rio Piraí sofre a primeira intervenção pela Light, no Município de Rio Claro, dando início às obras de abertura do túnel, com 8,5Km de comprimento para desviar o seu leito, com a capacidade máxima para verter 25mil l/s, com a finalidade de aumentar a capacidade do Reservatório do Ribeirão das Lages e aumentar a capacidade de geração de energia elétrica. Para que o rio fosse desviado, foi necessário, ainda, fazer uma barragem denominada Tocos, próxima a cidade de Rio Claro, em Itaverá, tendo 541mil l/s, dando origem ao Reservatório com o mesmo nome, com capacidade de represar um volume de 1,9 bilhões de litros de água. Sem dúvida a Barragem de Tocos foi a mais profunda incisão que a Light fez na artéria do Rio Piraí, causando-lhe uma sangria constante e irrecuperável. Aí que começa a morte de um dos maiores recursos naturais da Terra. Em consequência dessa obra, e com a diminuição total do volume d'água na calha do rio Piraí, a Light não só acabou com a navegação no Rio, mas interferiu negativamente no ciclo biológico da íctio-fauna, não propiciando, sequer, meios para que os peixes em piracema subam a montante de sua barragem e, com isso, manter vivo o ciclo reprodutivo (Tavares, set/2004 Jornal Correio da Barra).

Em relação ao desvio do rio Piraí, encontramos também uma descrição de Dantas (1931):

Nos fundos da fazenda, abriu a Companhia o grande túnel, por onde passam hoje as águas do Rio Piraí, para caírem no leito do Rosário, que por sua vez se despeja no Rio Araras. Tem esse túnel a extensão de 8.429 metros, sendo em linha reta e aberto em rocha granítico, com 66 metros de altura do seu nível no lugar denominado Vargem e 114 metros de altura em cavadeira. Começado a ser construído em janeiro de 1912, estava terminado em 1913. O túnel foi

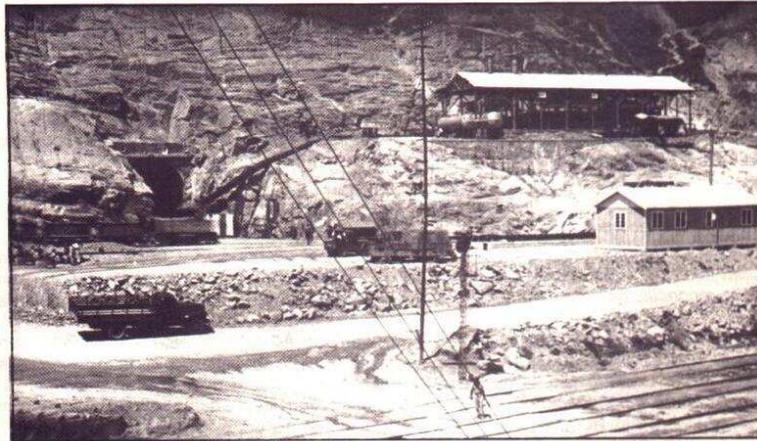
perfurado por meio de brocas e todo o mecanismo movido por motores elétricos..Para o suprimento de energia a Companhia fez construir uma linha de transmissão da Usina de Fontes até a entrada do túnel; com todos os aparelhos em ação consumiu-se 35.000 kilowatts horas por dia, incluindo a iluminação do túnel e dos acampamentos (Dantas, 1931, p 6 e7).

“Conta-se ainda que em certo trecho desabara o túnel, matando vários operários; diante disso, então, foi a Companhia obrigada a fazer uma curva, abandonando o trecho caído” (Breves, 2000 p 382).

Documentos oficiais, fotos, reportagens e depoimentos que revelam a segunda intervenção da Light and Power Co. no rio Pirai com a reversão de seu curso; datadas na década 40/50, foram selecionadas:



Figura 18 – Visita de Getúlio às obras de transposição do rio Pirai



Construção do túnel da Barragem Santa Cecília em Barra do Pirai por onde passam as águas do Rio Paraíba represadas pela Barragem Santa Cecília e vão cair no leito do Rio Pirai onde por sua vez existe também uma barragem. Observe a boca túnel em construção. - Agradecimentos ao Delmo Arvellos Pinto.

Figura 19 – Construção da barragem de Santa Cecília



Figura 20 – Construção da barragem de Santana



Figura 21 – Construção da elevatória do Vigário

Relato de pessoas que testemunharam a construção das barragens e das elevatórias para a reversão do curso do rio Pirai bem como a transposição das águas do rio Paraíba do Sul.

Relato 1:

Isto aqui é uma questão de dias. Ontem, foi São João Marcos que submergia com mais de 200 anos de vida. São João Marcos era uma cidade bonita e lá os príncipes brasileiros faziam excursões... Parece que estou vendo a praça Feliciano Sodré, a Matriz considerada um monumento nacional, para cuja reconstrução a Light pagou 600 mil cruzeiros e, até hoje, a imagem do nosso padroeiro está recolhida numa humilde capela de fazenda à espera do tempo... (professor em reportagem à revista A Cigarra, 1946).

Relato 2:

Sou morador do Bairro do Asilo (73 anos) casado com Maria Aparecida (70 anos). Tenho mais de 40 anos de pesca. Agora estou aposentado, mas meu sobrinho Eraldo continua pescando. Tenho 4 filhos, 5 netos e 1 bisneto. Estudei até a terceira série. Fui um dos primeiros moradores do bairro a vivenciar várias enchentes no rio Pirai. A canoa era o meu principal transporte de travessia do rio". Tive uma infância boa e costumava nadar sempre no rio. Ainda sou fabricante de redes e tarrafeiro. Lembro que os primeiros moradores do bairro do Asilo foram o Sr Virgílio que fazia barcos, Sr Geraldo e D. Lili, Sr. Lindolfo, Sra. Glória Cândido, Sr. Sebastião Menezes e minha própria mãe Dona Ana Torres. "Já pesquei uns 200 kg de pacu com rede de 3 metros com chumbo O maior peixe que pesquei pesava mais ou menos uns 18 Kg e foi no largo do general Coutinho, na fazenda de São Jorge, costumava pescar dourado de até 10 Kg no Indaiá. Em janeiro quando tem enchente alaga tudo em Santanésia, é o maior sofrimento para a população. Eu já fui alertado sobre "a gordura que tem no rio". O esgoto é jogado direto no rio. Na vazante fica com 5 ou 6 metros quando liga a "banda" de Santanésia. Lembro que o Sr. Raimundo plantou eucalipto na mata do Amador. Hoje? Tem peixe ainda, mas água está muito suja. Já encontrei tucunaré cheio de bicho, muito peixe morto (...) A poluição está comendo a casca do cascudo. Tá doido! Quem vai comer um peixe desse? (Ailton Rodrigues Torres, pescador com varas e redes, em conversa com a pesquisadora, 2005).



Figura 22 - Ailton Rodrigues Torres

Relato 3:

Sou moradora da rua Barão do Piraí, no centro, nasci em 05/10/25. Lecionei durante 33 anos e hoje estou aposentada. Tenho 6 irmãos e não me casei. Desde os 13 anos que dou aulas particulares, fui professora do atual prefeito. Alfabetizei o prefeito. Minha vida foi de muita luta, muito sofrimento, sempre lutei, criei dois sobrinhos por causa da morte dos meus irmãos. Pouco posso falar de festas, porque a luta era muita. A Eny e o Eraldo, meus sobrinhos, foram criados por mim. Tinha 3 anos quando minha mãe morreu de tuberculose e dois anos depois meu pai foi internado com problemas mentais. Uma coisa boa é que desde os 13 anos eu já jogava vôlei, lembro do treinador Baby, eu era levantadora do time. O rio Piraí era navegável (tenho fotos). Miguel Mateus, o italiano, era dono de terras em Piraí. Lembro que minhas irmãs mais velhas nadavam no rio e eu ficava em casa. Andava também muito a cavalo. Quase todo mundo lavava roupa no rio, tinha muitas lavadeiras. Tinha também muito lambari, acará, tucunaré. Já comi muito tucunaré recheado com farofa! Com a construção da Light acabou o rio que era muito bonito, o rio...acabou, tinha uma pedra linda! A malária teve muito aqui e até epidemia de amebiana, quase morri. Tinha uma carta de mamãe contando isto, eu tinha 3 ou 4 anos quando adoeci, mais três irmãos tiveram. Morreu muita gente nessa ocasião. Sou muito querida e estimada, quando quero alguma coisa vou e peço ao prefeito. Não se tem o hábito de reunir a população para resolver as coisas. A prefeitura tem uma parte no hospital também. Foi uma pena acabar com capela do hospital, com os prédios antigos, os casarões, o antigo grupo escolar, que saudade! É uma pena, Piraí não considerar nada antigo, derruba tudo...Nessas alturas para nós, tanto faz como tanto fez, estamos com 80 anos. Ninguém imagina o que é a solidão da velhice, os sobrinhos, os novos não querem saber de gente velha! (Ely Paciolo, professora em entrevista à pesquisadora, 2005).



Figura 23 - Ely Paciolo

Relato 4:

Sou moradora da rua Comendador Sá no centro de Piraí. Sou professora primária aposentada, tenho um filho e 3 netos que estudam no Colégio Santos Anjos e moram na Tijuca no Rio de Janeiro. Sou viúva e tenho 82 anos. O que lembro do rio Piraí é que era uma beleza, um rio rasilho e limpinho, com pontos mais fundos onde a água limpinha se via as pedras, era possível atravessar de um lado para o outro. O lugar mais fundo era no quintal do Sr. Otávio Teixeira, tinha até uma praia nos fundos, a outra praia era mais ou menos em frente da Agremiação. No carnaval se fazia banho à fantasia na ponte

mas eu era ainda muito menina. Todas as casas davam o quintal para o rio. Os quintais e os porões davam para o rio. Todas as casas tinham quintal e, do outro lado do rio existia: a Mata do Amador, muito maior do que é hoje, o Asilo Pinheiro e algumas casinhas, para chegar lá se dava a volta em uma ponte de madeira. A pesca era a distração do meu marido, o Donga.. Ele não saía do rio e era comum as crianças aprenderem a nadar no rio. As vezes, quando o rio enchia, só o Donga pulava e nadava no rio. Ele pulava da ponte no rio. Eu me lembro que usava um maiô verde para nadar no rio. Piraí era muito bom, muito melhor do que é hoje, quando o rio era raso e só de vez em quando enchia e vinha até na rua. As pessoas lavavam suas roupas na beira do rio: tinham as lavadeiras do rio. Tinha uma cachoeira no corta rio e uma na Mata do Amador que acabaram. Acabou também a praia do Eco. Agora não se pode tomar mais banho, ninguém utiliza mais o rio, hoje é uma “fedentina danada”. Agora o rio é uma represa e tem que se fazer constantemente limpeza, muito mal se anda de canoa. Antigamente a gente pegava muito peixe com coador de tela: lambari, cará, piau, comia o peixe fresquinho, limpinho. Agora está triste! O povo é muito porco! Eu lembro também que muitos casamentos aconteceram aqui em Piraí com a chegada da *Light*, muitas moças arrumaram casamento. Era muito bom! Tudo acabou! Até o grupo escolar Martins Teixeira foi desmanchado, o que se quer mais. Não restou nada. As pessoas eram mais amigas. Lembro também daquele tempo, dos carnavais: verde e amarelo era o bloco da Basília e Manoel Paulo e azul e branco do José Virgílio. Consigo lembrar de uma música de carnaval feita pelo Alfredão quando construíram a rua Nova: *O Dr. prometeu de aumentar o Piraí, prometeu mas não esqueceu. Olha! o movimento aí. Lá vai embora a rua Nova é lá que vou tocar meu tamborim.* O que se poderia fazer quanto ao rio Piraí seria procurar mantê-lo limpo, por que não se pode nem mais pescar de tanta sujeira. Os problemas da comunidade só a Prefeitura pode resolver. Tenho saudade do Piraí antigo, era muito bom, era ótimo! Outra coisa boa, era esperar o trem que vinha de Barra para Passa Três e voltava no dia seguinte às 6 horas passando em Piraí às 8 horas, eu ia esperar sempre, tinha até banda de música (Maria Aparecida Silva de Andrade, professora em entrevista à pesquisadora, 2005).

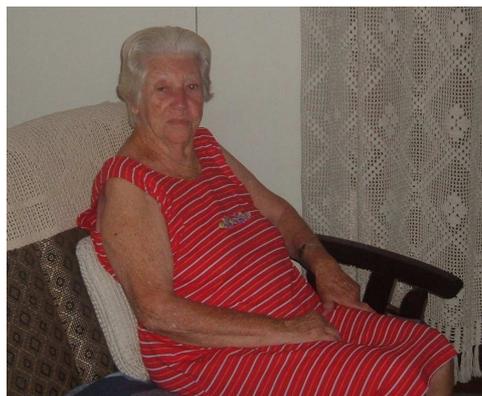


Figura 24 - Maria Aparecida Silva de Andrade

Relato 5:

Sou comerciante aposentado, 85 anos, casado com a Lacy (filha do Maneco Arantes), tenho duas filhas casadas e 4 netos. Nasci em Rio Claro e vim para Piraí em 1938, com 18 anos. O rio tinha pouca água, foi tirada a água em Tocos, em Rio Claro, isso em 1904. O rio era raso, mas tinha uma espécie de poço em frente ao Asilo, a gente pulava da pedra do Asilo. A água era limpa e tinha uma ponta de barco que aparecia. Existia uma ponte de madeira até 1933/34. O rio

era nos fundos dos quintais e alguns lugares tinham profundidade. A elevatória foi construída em 49/50 pela Morsing, fez a construção modificando completamente o rio, que passou a ser uma represa, inverteu o curso do rio. Eu morava em Getulândia (Rio Claro) e lá tinha malária para todo lado por causa de Tocos. O serviço de Endemias Rurais foi criado em 1954/56. com o Dr Renato de Moraes Santos (médico) e o Noro, que já foi prefeito de Piraí. Quando casei morei em uma casa em frente ao Asilo e tinha uma estufa com mais de 100 tipos de begônia. As casas tinham quintais e porões. Ultimamente a água que vem para as casas de Piraí melhorou (Comerciante Evádio Antônio da Silva, em conversa com a pesquisadora às margens do rio Piraí, 2006).



Figura 25 - Evádio Antônio da Silva

Relato 6:

Sou morador de Piraí, nascido e criado aqui. Sou comerciante aposentado, casado com a Cidinha (filha do Alberto de Freitas). Tenho 72 anos, 4 filhos e 5 netos. Lembro do rio ainda com uma prainha, tomava-se banho e até jogava-se uma “pelada” na areia. Havia uma pedra do Asilo onde o pessoal mergulhava, todos tomavam banho no rio, quase se atravessava de um lado para o outro dentro d’água. O rio era menos poluído, era limpinho, pescava-se para comer, até camarão pegava-se com a mão, era o lazer da população. Era até difícil estudar. Os quintais davam para o rio, mas ficou um bom tempo meio abandonado. A Light hoje não limpa mais o rio, deveria ser obrigação da Light. Teve um tempo que tinha malária. O pessoal vive reclamando do abandono, traz até mosquito. Os peixes quase ninguém come mais, deveria ter um trabalho bem feito no rio. Ele já foi navegável, dizem que até D. Pedro veio por aqui. O Sr. Jácomo tinha uma lancha que ia até Santanésia, poderia desenvolver o turismo neste sentido. Deveria fazer um Big Hotel na Mata do Amador, o que desenvolveria a cidade é o turismo, as pequenas indústrias, daria emprego para muita gente. Precisava de um bom tratamento no rio e na cidade. Deveria ter manutenção na av. Beira Rio. O futuro de Piraí está no turismo, seria o melhor produto, principalmente para os moradores da Beira Rio. Deveria ter um comitê pró-Rio Piraí, dando atenção ao rio, a água deve ser tratada, vai faltar água. Deveria ter um horário para que as pessoas pudessem visitar o rio. Se eu fosse prefeito construiria um hotel e traria uma faculdade para Piraí. A ponte da “integração” já está pronta. Nos últimos anos Piraí melhorou muito, depois do Pezão, sou fã do Pezão, mas Piraí ainda está muito “falso” vê-se muito movimento, mas não se vê o dinheiro. Precisa ter propaganda em torno do

turismo e da faculdade. Aqui o SUS é muito bom e a educação também, só não é mais pela situação dos professores. (Comerciante William Silva (Lém), em conversa com a pesquisadora às margens do rio Piraí, 2006).



Figura 26 - William Silva

Relato 7:

Sou residente em Arrozal, professor aposentado e regente da Banda Santa Cecília desde 21/12/1942. Tenho 81 anos (05/08/1924) e sou casado há 58 anos com D. Julieta, tenho uma filha, 2 netos e 1 bisneto de 3 anos. Sou sobrinho do Sr. João Guimarães. A Banda Santa Cecília Arrozalense é centenária e tem atualmente 38 componentes. Lembro de uma história muito interessante quando existiam duas bandas: uma dos negros e a outra dos brancos. Durante uma retreta na praça os “brancos” copiaram o repertório dos “negros”. Geralmente os brancos tocavam primeiro do que os negros, mas por azar naquele dia, os negros começaram a tocar primeiro. Será que foi “mera coincidência”? Lá pela terceira música começou uma pancadaria danada. Tudo terminou em pancadaria. Dei aulas de Geografia e Moral e Cívica, embora aposentado ainda trabalho dando aulas. Estudei no Colégio Salesiano em Niterói e no Verbo Divino em Barra Mansa (1937/38) e fui da 1ª turma do Curso Normal de Piraí e fiz a Faculdade de Filosofia e Arqueologia na SOBEU, estudou também no Conservatório Nacional do Rio de Janeiro. Fui estudar em Niterói e naquela época só queria saber de música, escolhi o Salesiano só pela Banda, embora não pudesse visitar os meus pais, ficava muito tempo sem vê-los. Lembro que os músicos da terceira divisão não podiam fazer parte da banda do Salesiano, mas eu cheguei a reger aos 15 anos quase oitocentos alunos cantando era contra mestre na banda, isso em 1939. Já tocamos num programa da rádio Nacional chamado Lira de Chopotó. A Banda recebe uma subvenção muito pequena, quase nenhuma, é muito difícil. No meu tempo de ginásio a água do rio Piraí era clara e da ponte se via os peixes, muitos peixes: piabanha, piau, lambari e outros. Trago ainda na memória, uma enchente que houve e o prefeito Otávio Teixeira Campos mandou colocar uma rede grande no rio para proteger as crianças e os meninos caíram na água. Lembro que durante o carnaval eram feitos bailes (matinês) à fantasia e todo mundo pulava no rio, ele não tinha muita profundidade havia muita areia. Hoje já vi até cavalo morto dentro d’água. Na época da construção da barragem de Santa Cecília houve muita reclamação, muita gente não queria.

O rio Cachimbau, coitadinho, hoje é Cachimbauzinho, vem de Rio Claro e é afluente do Paraíba, passa aqui em Arrozal. Deveria haver uma maior preocupação da Associação de moradores, da Associação da terceira idade, do Coral FelizIdade. Eu tenho boa saúde, como de tudo, como até pato!, Só não posso jantar, já não janto há muito tempo. Eu agora só quero passear, já lutei muito e não tive apoio que precisava. Até a minha sepultura já está pronta, meu túmulo deve ser rente ao chão. Muitas autoridades foram muito ingratas comigo (Professor-maestro Jacy Pereira Guimarães em entrevista à pesquisadora, 2005).



Figura 27 - Jacy Pereira Guimarães

Relato 8:

Sou piraiense e em abril de 2006 farei 90 anos, somos 7 irmãos: 5 mulheres e 2 homens. Sou moradora da “Ritoca”. Papai, pelo lado materno, era Breves e Moraes, neto do Barão do Pirai e da Baronesa Cecília, portanto sou bisneta de Manoel Antônio Rodrigues Torres. Sou contabilista e estudei na Academia do Comércio na Praça XV no Rio de Janeiro. Trabalhei muito tempo como funcionária da Coletoria Municipal. O rio Pirai era navegável e via-se canoas e barquinhos. A elevatória era perto do matadouro. Lembro que existia a Rede Sul Mineira e o trem chegava às 8:00 horas. A água do rio era corrente e hoje está represado. Com a construção da Light começou a ter muito mosquito. A Light desapropriou a fazenda das Palmeiras e desmanchou a casa que existia. Quem conheceu Pirai antigo não conhece mais, o que se pode fazer, é o progresso (Cecília Rodrigues Torres (bisneta do Barão do Pirai), contabilista, em entrevista à pesquisadora, 2005).



Figura 28 - Cecília Rodrigues Torres

Relatos 9:

Sou morador da Barão do Pirai em frente a Travessa Coronel Nora que dá direto no rio Pirai. Tenho 68 anos, nasci em 29/07/37 em Pirai. Atualmente sou casado com a Teca e tenho 3 filhos. Sou comerciante aposentado mas ainda tenho uma farmácia. O rio Pirai era a minha distração, o meu lazer e de muita gente. Pescava-se camarão na beirada no corta-rio, perto da ponte onde tem a

elevatória. Sei que o rio vem de Rio Claro e são represados mais de 80% de suas águas para Ribeirão das Lages em Tocos. Hoje os peixes sumiram, era um rio caudaloso e tinha muitos peixes: piau, acará, bagre, cascudo, lambari. Sei que existiam barcaças que transportavam café e um pequeno porto na frente da ponte antiga que era de madeira. Existia também uma ilha que se jogava futebol em frente ao clube (Agremiação). O rio está uma nojeira, o esgoto é jogado *in natura*, isto é muito ruim. A prefeitura deveria obrigar as novas construções a fazer fossas. A mudança do curso do rio e o recebimento do rio Paraíba constituem um grande problema, mas ninguém nunca ligou para isso. O rio que deveria ser um afluente, a água volta, então, é “bosta para cá, é bosta para lá” e vice-versa. É a vergonha piraiense. No corta-rio água fica parada. A primeira represa trouxe a malária e depois das obras com a represa muito cheia a Light fecha e libera a água para o leito do rio Piraí. A população também contribuiu muito com a poluição, joga muita coisa no rio: sacolas cheias de lixo e até ossos de boi, alguns açougueiros jogam. É um absurdo, aqui tão pertinho o “maior volume de água potável do mundo” a represa da Light e o rio Piraí com tanta sujeira. Tem que se dar um jeito nele, é muito sujo, tá muito sujo... Saiu uma reportagem no jornal Correio da Barra que fala tudo isso. Vou buscar para você ver (Oswaldo da Silveira Lemos, comerciante em entrevista à pesquisadora, 2005).



Figura 29 – Oswaldo da Silveira Lemos

3.4 Imagens espaço – temporais

O passado nos rodeia e nos satura; todas as cenas, todo enunciado, toda ação conserva conteúdo residual dos tempos passados... Séculos de tradição suportam cada instante de percepção e de criação, permeiam não somente os artefatos e a cultura mas as células de nossos corpos (Lowenthal, 1985 In Geografia, Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF).

O papel do passado é fundamental para a nossa visão de mundo, dentro da dialética espaço-temporalidade. Na complexidade da constituição dos lugares, o enraizamento no passado, as modificações com a passagem do tempo, o acúmulo de experiências e de sentimentos são importantíssimos.

Imagens relativas ao passado:



Figura 30 – Ocupação das margens do rio Pirai no início do século XX



Figura 31 – Lavadeiras do rio Pirai. Fonte: Arquivo municipal

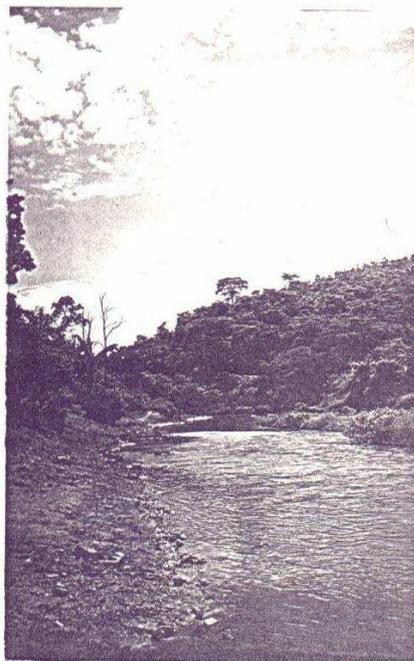


Figura 32 – Ilha de futebol no rio Pirai Fonte: Arquivo municipal

Imagens das intervenções feitas pela Light no rio Pirai:



Figura 36 – Transposição do rio Pirai: barragem em Tocos

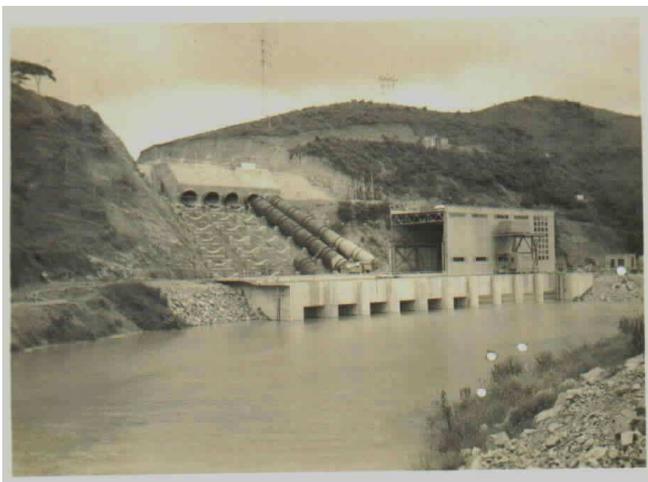


Figura 37 – Reversão do rio Pirai: elevatória do Vigário



Figura 38 – Reversão do rio Pirai: barragem de Santana



Figura 39 – Reversão do rio Pirai: barragem de Santa Cecília

Imagens dos contrastes encontrados ao longo do rio Pirai na atualidade



Figura 40 – Rio das Pedras, próximo à nascente



Figura 41 – Lixo despejado nas margens do rio



Figura 42 – Nascente do Rio Grande



Figura 43 – Despejo de esgoto *in natura*



Figura 44 – Cachoeira no rio Pirai



Figura 45 - Lixo acumulado às margens do rio



Figura 46 – Reservatório de Santana



Figura 47 – Rio Pirai na cidade de Passa Três



Figura 48 – Mata do Amador



Figura 49 – Bairro do Asilo



Figura 50 – Fazenda às margens do rio Piráí



Figura 51 – Construções às margens do rio Piráí



Figura 52 – Represa Ribeirão das Lajes



Figura 53 – Macrófitas no rio Piráí



Figura 54 – Corredeiras do rio Piráí



Figura 55 – Rio Piráí sem movimentação



Figura 56 – Reserva de Santana

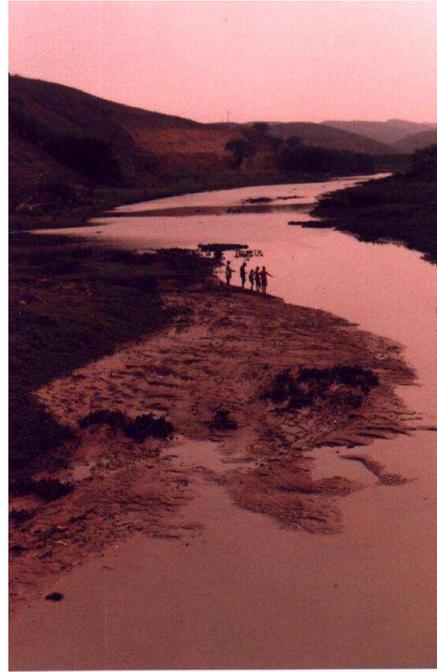


Figura 57 – Assoreamento no rio Pirai

3.5 Mananciais de água e humanização

Como se pode comprar ou vender o firmamento ou o calor da terra? Se não somos donos da frescura do ar nem do brilho das águas, como poderiam vocês compra-los? Cada floresta reluzente de pinheiros, cada grão de areia, nas praias, cada gota de orvalho nos bosques fechados, cada outeiro e até o som de cada inseto é sagrado à memória e ao passado do meu povo. A seiva que circula pelas veias das árvores leva consigo as memórias dos peles-vermelhas. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; veado, o cavalo, águia, todos eles são nossos irmãos. Os penhascos escarpados, os prados úmidos, o calor do corpo do cavalo e do homem, todos pertencemos à mesma família (...) A água cristalina que corre nos rios e regatos não é simplesmente água, mas também representa o sangue de nossos antepassados. O murmúrio da água é a voz do pai de meu pai (...) e cada reflexo fantasmagórico nas claras águas dos lagos conta os fatos e memórias das vidas de nossa gente (Chefe Seattle, 1854 apud Leff. 2001 p.30).

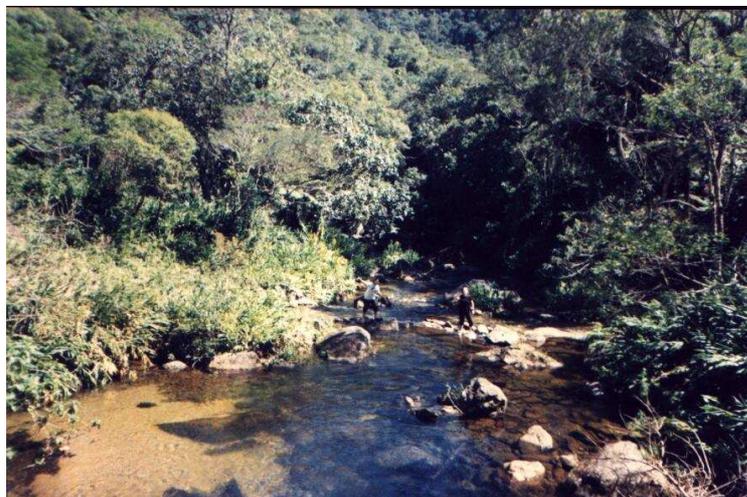


Figura 58 – Nascente do rio Alto da Serra



Figura 59 – Nascente do rio Grande

Existe a necessidade de ir às nascentes para afluir e engrossar o rio principal. Nascentes que são fontes de um saber ambiental, uma racionalidade ecológica e política. Segundo Funtowicz e Ravetz (1993-94 apud Leff, 2001) é preciso “aprender os efeitos sincrônicos e sinérgicos que surgem da articulação de processos naturais (*corpo d’água*) (sic) e sociais (*corpo social*) (sic), incomensuráveis e irredutíveis aos valores do mercado”. Leff ainda aponta que,

esta forma de conhecimento está de acordo com um processo de apropriação subjetiva e coletiva, capaz de induzir um processo participativo de tomada de decisões, onde a população deixe de ser controlada (alienada, manipulada) pelos mecanismos cegos do mercado e por leis científicas governadas por processos automáticos, acima de sua consciência e seu entendimento. Este saber ambiental está comprometido com a utopia (Leff, p.233-35).

Este tipo de racionalidade não só gera novos conhecimentos, mas produz um diálogo de saberes onde se forjam novas formas de organização social e apropriação subjetiva da realidade através de estratégias de poder no saber (Foucault, 1980). Neste sentido, o saber ambiental se produz numa relação entre a teoria e a práxis, abrindo sentidos civilizatórios buscando uma qualidade de vida que tem como finalidade a realização do ser humano.

O saber ambiental constitui novas identidades e interesses, onde surgem os novos atores sociais que mobilizam a construção de uma racionalidade ambiental.

“O sujeito ecológico parece ser atravessado por um espírito religioso cuja melhor expressão estaria no sentido latino de *re-ligare*, que alude um movimento de realinhamento humano com a natureza como lugar do sagrado” (Carvalho, 2002).

Para Leonardo Boff urge a construção de uma nova tradução do *re-ligare*, conectando subjetividade, justiça social e natureza, como sujeito de direitos produzindo um novo “espírito ecológico” do tempo (Boff, 1995).

É interessante notar que a cidade de Pirai nascente (século XIX) já apresentava uma certa preocupação com o planejamento urbano, uma certa preocupação com o arruamento (Breves, 2000) mas que na prática pode-se observar que em grande parte não foi respeitada, não se cumprindo as determinações legais. A ocupação da cidade se deu junto ao rio Pirai (ibidem, Breves, 1994) principalmente às margens direita com a construção de uma capela de Sant’Ana. “Pirai nasceu pode-se dizer da Igreja” (Breves, 2000, p. 58).

Margeando o rio foram traçadas ruas e becos onde eram construídas as casas e casarões do período áureo do café, “onde barões e baronesas circulavam por suas ruas, tudo vinha da Europa” (A Cigarra, 1946). Curiosamente essas casas eram edificadas de “costas” para o rio, sendo que seus quintais e porões iam até bem junto à água do rio.

Somente em 1952 (anexo 8) tendo por base a lei das Sesmarias, é que o prefeito Otávio Teixeira Campos efetivou a desapropriação dos terrenos à margem direita do rio para a construção de uma avenida. Isto se deu após as modificações no curso do rio com a transposição das águas do rio Paraíba do Sul, os quais alguns relatos transformaram o rio num “canal” numa “represa”.

Atualmente a Avenida Beira Rio está pavimentada e arborizada e no lugar dos quintais e porões surgiram novas construções de casas e até mesmo, prédios modernos agora de frente para o rio Pirai.

A margem esquerda do rio era ocupada por sítios e fazendas, mas onde admiravelmente já naquela época se encontrava uma grande área como reserva florestal: a Mata do Amador. Bem próximo a esta exuberante vegetação foi fundado em 1912 uma casa para abrigar pessoas idosas o Asilo Pinheiro e, logo depois começaram a surgir algumas casinhas pertencentes a uma população menos favorecida economicamente. A travessia para o centro da cidade era difícil feita por canoas ou por uma ponte de madeira em péssimas condições de acordo com alguns relatos. A ocupação dessa área se deu gradativamente de maneira desordenada sem nenhuma infra-estrutura, sem nenhum planejamento. Hoje foi transformado em um bairro (Bairro do Asilo) com inúmeros problemas oriundos desse tipo de ocupação, porém a travessia de um lado para o outro do rio ficou mais fácil porque existem 3 pontes fazendo esta ligação.

Os becos e as pontes continuam como elementos de comunicação entre o rio e a cidade, entre o corpo d'água e o corpo social, entre o homem e a natureza. Ao longo da história do município, por serem vias importantes para o cotidiano da cidade os becos receberam o nome de ilustres cidadãos, como mostram as fotos:



Figura 60 – Travessa João Amoury



Figura 61 – Travessa Alfredo Simões



Figura 62 – Travessa Cel. Henrique Nora



Figura 63 – Travessa do Fórum



Figura 64 – Travessa Flávio Leal



Figura 65 – Travessa Ezequiel



Figura 66 – Travessa Alfredo Antonio da Silva

3.6 Novos afluentes societários

No tocante a realidade o homem pratica atos semelhantes e universais, ou seja, trabalha, sendo assim podemos caracterizar o trabalho como uma atividade tipicamente humana e, portanto cultural e permeada de diferentes representações.

A partir dessa premissa recorreremos a uma paráfrase utilizada por Jolles (1976) onde encontramos três posições que evidenciam o trabalho: o “camponês”, o “artesão” e o “padre”. O primeiro corresponde a um cultivador que produz uma ordem na natureza ao redor de si, ficando como centro da organização. Pretende assegurar ao máximo a permanência das coisas como são, é o que podemos chamar de circunstante ou o “homem comum”. O segundo fabrica enquanto o primeiro produz, ele muda a ordem das coisas da natureza, a tal ponto que elas deixam de ser “naturais, é um obstante. O por último, o terceiro tipo é o padre. Para que a produção e a fabricação tenham um sentido, é preciso ir ao todo delas. É preciso interpretá-las”. É preciso estabelecer nexos entre as ordens envolvidas no produto fabricado. O trabalho humano de pensar a relação entre essas duas ordens significa um meio de conferir sacralidade aos fenômenos.

O “homem comum” em seu exercício do conhecimento ordinário ou o senso comum, é aquele que atua de modo operativo sobre a realidade, sempre ao impulso da falta como necessidade de sobreviver (Buzzi, 1973 apud Nóbrega, p.75-77 In.Teves, 1992). Não lhe interessa conceitos, somente lhe interessa possuir aquilo que preencha sua falta, e ele não tem, não questiona a natureza dos fatos. Na precisão de conhecer para viver com segurança, o sujeito pode valer-se de recursos individuais bem como de representações alheias e imutáveis, ambos são maneiras de representar a realidade. Por traz de um ou de outro localizaremos um *mito*. O mito segundo Nóbrega (1992) é uma imagem, e portanto a representação que procura dar conta de situações de contradição entre dois princípios, mas em complementaridade. Assim como a vida e a morte, são antinomias porque as leis de uma não são as leis da outra mas uma implica a outra como complemento. Tentando conciliar a vida e a morte criou-se o mito da ressurreição ou da vida eterna.

O *mito* é uma forma simples na qual o universo se cria por perguntas e respostas. Perguntas formuladas pelo homem e respondidas no homem quando o universo se lhe dá a conhecer. Ao responder, ele não inventa signos mas cria expressões simbólicas analógicas a imagens que já conhece porque já são representações socialmente cultivadas, representações óbvias também triviais.[...] O *mito* é sempre uma narrativa de uma criação elaborada a partir de um indivíduo que vive a “segurança intuída”, torna-se exemplar (padrão) e todos *imitam*, criando-lhe a *legenda*, seu acervo de sinais, sinais imitados, ele se torna norteador da história do grupo. [...] se constrói o imaginário social, sempre congregado em torno de um que serve de receptáculo á expressão de todos: conhecimento, mito, imitação, legenda, saga, provérbio, adivinha (ibid. Nóbrega).

A relação entre as coisas e os seus respectivos símbolos é realizada sob uma convenção social, não é pois natural, mesmo as coisas naturais são culturalmente conhecidas (ibid.,Teves).

Nas representações sociais da população de Pirai podemos encontrar as antinomias de *vida e morte* fazendo parte do imaginário social através dos mitos da *destruição* e do *progresso*, permeados pelo sagrado e o profano. Ambos ligados diretamente ao rio Pirai em seu curso, percurso e transcurso. Encontramos vários depoimentos, relatos e publicações evocando lembranças ao chamado “fantasma” do alagamento e da submersão, o qual permeia o cotidiano da população piraiense à semelhança de São João Marcos que foi destruída na construção da represa de Ribeirão das Lages:

É de madrugada, quando deixei a cidade que agoniza, vi uma pequena multidão de mulheres entrando na igreja. Iam pedir a Deus para que os engenheiros poupassem a sua cidade, cidade que era orgulho do Império (Morel, Edgar.1946 revista A Cigarra RJ).

As nossas terras foram inundadas.

A Light extrai milhões de Kws, mais não permite que aqui se estabeleça a menor indústria.

Se não nos permite a industrialização talvez seja porque pretende inundar novas áreas no município (Martins, Epaminondas. 18/11/61 Correio da Serra. RJ).

No caso de Pirai talvez uma realidade que tenha se transformado em *mito*... Conta-se...fala-se....

Em contrapartida o mito do *progresso* também faz parte do cotidiano da população, principalmente “depois da chegada da Light”: “a Light traria o progresso para Pirai, sinal de energia de luz, traria muitos empregos e desenvolvimento” (depoimento de Evádio Antônio da Silva). O *mito* surge como

“compensação para tanta destruição” (Jornal de Barra do Piraí). Até o jornal da cidade de Piraí que circulou por um longo tempo chamava-se “O Progresso” e, ainda hoje encontramos no símbolo da cidade a questão da luz e energia como grandes impulsionadoras do progresso do município:



Figura 67 – Símbolo atual do Município de Piraí

É bastante valioso retomar as idéias de Bauman citadas no capítulo anterior quando aponta para o aumento da “pseudo” liberdade pessoal em função do aumento do acesso às informações e que esse poder de escolha centrado no indivíduo coincide com o aumento da fragilização do poder de decisão pelo coletivo, uma vez que não se conseguem traduzir as preocupações pessoais e públicas: “as únicas queixas ventiladas apontadas para o público, são um punhado de agonias e ansiedades pessoais que, no entanto, não se tornam questões públicas, apenas por estarem em exposição pública” (Bauman, 2000 p 10).

Na trama de processos e atores sociais, a participação dos grupos e movimentos organizados da sociedade civil parece ser a força protagônica na demarcação sócio-ambiental enquanto esfera de “ação política”, seja pela via dos movimentos ecológicos, seja pela via das lutas sociais ou pelo acesso público aos bens ambientais. Aparece uma diversidade de atores entre os movimentos sociais e/ou grupos de interesse. É um contexto de lutas e anseios destes segmentos no sentido de alcançar o status de *luta cidadã*, no qual não se restringe somente a esfera governamental ou ao corpo técnico de especialistas.

É importante enfatizar a possibilidade de que um conjunto de sujeitos sociais, que coletivamente constituem a sociedade civil, busque criar espaços alternativos de atuação, enfrentando coletivamente a busca por soluções aos problemas por eles identificados, levando à luta pela constituição da cidadania (Portilho, 2005, p.224).

No exercício da pesquisa como práxis surgiram possibilidades para a efetivação desse protagonismo e alguns “sujeitos coletivos” manifestaram firme propósito de unir esforços na constituição de um trabalho consistente que fugisse do modismo e do imediatismo que tanto tem assolado as causas socioambientais.

Neste sentido podemos destacar: grupo de estudos das mulheres e homens quituteiros (uma proposta em um encontro no Hotel Manequinho), Grupo de professores do município, Grupo da Terceira Idade, Jovens do Projeto Com-vida (Projeto do MEC/Universidades/ Municípios), Grupo de Jovens Católicos Maanaim, Centro de Convivência Ambiental (parceria com as Secretarias de Meio Ambiente/Educação/ Cultura.) e alunos do Curso Normal Superior do ISERJ (Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro), através de Estudos Interdisciplinares do Estado do Rio de Janeiro, como projeto de extensão.